

A HISTÓRIA DE UM 'CRIMINOSO': a narrativa de (des)construção de Marcão nas páginas dos jornais de Ponta Grossa¹

THE STORY OF A 'CRIMINAL': the narrative of Marcão's (un)construction in the pages of Ponta Grossa newspapers

Afonso Ferreira VERNER²

Cíntia XAVIER³

Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil

Resumo

Este artigo discute a (des)construção de um personagem nas páginas policiais dos jornais de Ponta Grossa, cidade no interior do Paraná, no final dos anos 1990. Marcos Antônio de Oliveira, 21 anos, foi o personagem de reportagens dos três jornais que circulavam na cidade em novembro de 1998. A odisseia teve diversos capítulos, como assaltos cinematográficos e fugas, repercutidos em manchetes, reportagens com destaque e recursos de humanização, que contaram os feitos do jovem negro, pobre e morador da periferia, até a morte. O estudo debate como a narrativa jornalística construiu um personagem contraditório e que conquistou espaço de destaque nos jornais.

Palavras-chave

Morte; Valor-notícia; Acontecimento; Jornalismo; Fait Divers.

Abstract

This article discusses the (de)construction of a character in the police pages of the newspapers of Ponta Grossa, city in the interior of Paraná, in the 1990s. Marcos Antônio de Oliveira, 21 years old, was the character of the three newspapers that circulated in the city in November 1998. The odyssey had many chapters, such as cinematographic robberies and escapes, reflected in headlines, feature articles, and humanization resources, which told the deeds of the young black, poor, and resident of the periphery, until his death. The study discusses how the journalistic narrative constructed a contradictory character who conquered a prominent space in the newspapers.

Keywords

Death; News Value; Event; Journalism; Fait Divers.

RECEBIDO EM 19 DE AGOSTO DE 2021
ACEITO EM 18 DE MAIO DE 2022

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi publicada nos anais do evento XV Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação.

² Doutorando em comunicação pela UFPR, Mestre em Jornalismo, professor da Unicesumar (Campus Ponta Grossa). Contato: afonsoverner@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação pela Unisinos, professora da Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG. Contato: cintia_xavierpg@yahoo.com.br.



Introdução

A prática jornalística de contar acontecimentos recorre com frequência ao uso de personagens para humanizar relatos (ALSINA, 2009). Nas páginas policiais, os postos de figuras de destaque têm a tendência de serem ocupados por “homens da lei”, (LOPES, 2012) sejam eles delegados no comando de investigações importantes, policiais civis ou militares que presenciaram crimes de impacto ou de “criminosos” que ganharam destaque a partir dos delitos cometidos - normalmente crimes hediondos e com repercussão diante da opinião pública.

O presente estudo debate um caso à parte na composição dos personagens da cobertura policial convencional. Durante a coleta de material para dissertação defendida no Programa de Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) encontramos notícias recorrentes sobre Marcos Antônio de Oliveira, 21 anos. Em novembro de 1998, Marcos, então conhecido como Marcão, ocupou com destaque parte do noticiário dos três impressos que circulavam no município: Diário dos Campos (DC), Diário da Manhã (DM) e Jornal da Manhã (JM) durante os meses de outubro e novembro de 1998.

Marcos não era delegado e nem policial, era “criminoso”, de acordo com os jornais analisados - o rapaz era apontado como responsável por uma série de assaltos e outros crimes diversos. Com isso, a história dele foi noticiada pelos veículos impressos da cidade no período analisado, com direito a manchete e fotos na capa – um ponto fora da curva diante dos demais crimes que compunham a cobertura policial. Diante deste cenário, o presente estudo discute como a narrativa jornalística compôs o personagem representado por Marcão nas páginas jornalísticas – tal

construção é efetivada com o uso de recursos de jornalismo literário e também a partir da exploração da ideia de interesse humano (VAZ, 2012).

Em um primeiro momento é exposta uma revisão teórica sobre conceitos como acontecimento morte e *fait divers*. A partir deste arcabouço teórico, busca-se relacionar a cobertura dos noticiosa dos jornais estudados com os aspectos teóricos da narrativa jornalística. Esses conceitos ainda funcionam para dialogar teoricamente com o objeto do artigo, como também são articulados metodologicamente para analisar os conteúdos publicados nos periódicos.

Em um segundo momento, apresenta-se o funcionamento da coleta de dados sobre o caso em questão e, por fim, descreve-se a cobertura dada aos fatos atribuídos a Marcão e registrados no noticiário do Jornal da Manhã, Diário da Manhã e Diário dos Campos. Neste último tópico, a proposta é relacionar os aspectos teóricos discutidos no artigo com aquilo que se encontra na prática da narrativa jornalística.

Desenvolvimento

A vida cotidiana, regulada pelo modo de produção capitalista, é marcada por uma série de acontecimentos diários, rotineiros e previsíveis. No entanto, essa mesma sequência previsível de acontecimentos pode ter tal monotonia aparente quebrada por acontecimentos que rompem a normalidade e que podem ser considerados de alguma maneira imprevisíveis ou mesmo notáveis.

Alguns destes fatos são observados mais de perto por jornalistas e se transformam em notícia⁴, ganhando algum espaço no noticiário do dia ou do momento, em épocas em que a produção jornalística tem se tornado

⁴ Adotamos a ideia de notícia a partir da concepção construcionista. Ou seja: a notícia é um relato altamente selecionado, construído pelos meios de comunicação e seus profissionais e negociado entre vários agentes. Tal construção da realidade é feita, tendo como base, valores-notícia, critérios e a noticiabilidade de cada um desses acontecimentos transformados em notícia – esse rol de fatores é algo partilhado, em linhas gerais, pelos profissionais do campo.

cada vez mais instantânea. Por sua vez, outros acontecimentos, mesmo sendo estranhos diante do rol de fatos rotineiros, não ganham o status de produto noticioso e seguem compondo o grupo de episódios diários e previsíveis que integram nosso cotidiano, passando despercebidos e não compondo o noticiário diário.

Também podemos adotar a ideia de que a morte violenta compõe cotidianamente o noticiário proposto pelos veículos de comunicação (VAZ, 2012). Seja ela uma morte acidental, trágica, violenta ou natural, seja a vítima anônima ou uma pessoa notória, muitas vezes tal acontecimento é apresentado como um fato valioso para cobertura jornalística e normalmente recebe atenção por parte da imprensa.

Esse tipo de acontecimento ocupa diferentes lugares, composições e cenários nas páginas dos jornais, nas imagens dos telejornais e nas transmissões radiofônicas, a depender da avaliação de uma série de valores-notícia, critérios de noticiabilidade⁵ e da abordagem editorial de cada um dos veículos envolvidos na cobertura. Mortes que são notícia em determinado meio de comunicação podem passar completamente despercebidas em outros, ao mesmo tempo que algumas mortes são noticiadas e repercutidas por todo o sistema noticioso.

Elton Antunes (2012, p.49) apresenta uma reflexão sobre “ausências” do jornalismo ao observar notícias sobre a morte violenta. O autor defende que determinadas coberturas, por meio do que conceitua como “narrativas verbais e imagéticas”, sugerem ou acentuam uma natureza dramática das ocorrências que terminam em morte - esse seria um procedimento naturalizado na prática jornalística.

⁵ Com base em Gislene Silva (2005) e Marcos Paulo Silva (2013), optamos pela abordagem em que valores-notícia e critérios de noticiabilidade não são sinônimos, mas sim conceitos distintos. Por sua vez, os valores são aspectos diretamente ligados ao acontecimento, enquanto os critérios de noticiabilidade são diretrizes adotadas na produção da notícia, como aspectos de viabilidade na cobertura e política editorial, por exemplo.

Na visão de Antunes (2012), as notícias sobre morte têm os aspectos pitorescos destacados em detrimento de explicações mais contextuais, por exemplo – tal perspectiva que se aproxima do conceito de *faits-divers* (MOTTA, 2007). Por sua vez, os *fait divers* seriam fatos que teriam características ordinárias, mas que acabam sendo transformados em conteúdo noticioso a partir do interesse humano.

No entanto, cabe destacar que os *faits-divers* devem ser encarados não só como notícias de interesse humano, como também fatos que, de alguma forma, esgotam o significado da própria notícia. Em Ideologia e Técnica da Notícia, Lage (1979) cita um artigo de Roland Barthes em que o autor francês afirma, de forma enfática: "Eis um assassinato. Se for político, é uma informação. Se não for, é *fait divers*".

Desta forma, o próprio entendimento de Barthes (1986) alarga o entendimento de *fait divers* não só como aquelas notícias de interesse humano, como também aquelas narrativas que não se esgotam no fato em si (um assassinato, um roubo, um furto e etc), como também se alargam para outras áreas e espaços do noticiário, como o caso analisado neste artigo.

Tomando como base um grupo de notícias publicadas pelo site de O Globo como as mais lidas do ano de 2007, Vaz (2008) destaca que parte do conteúdo que antes era classificado como *fait divers* hoje se configura como parte do cerne da cobertura política cotidiana. Ao debater a natureza do que é ou não *fait divers* e de como isso se distribui no noticiário, o próprio Vaz (2008, p. 52) defende que:

Barthes recusa a definição privativa de *fait divers*, onde ele é resto, é o que não seria política, economia, ciência e artes. Também seria simplificador afirmar, por diferença exterior que a separação entre *fait divers* e as outras seções da mídia remete às oposições entre popular e erudito e entre o jogo e o sério. O necessário é uma conceituação interna; como se trata de texto, uma conceituação a partir da estrutura narrativa.

Desta forma, o presente artigo adota essa definição mais alargada da ideia de *fait divers* como parâmetro para tratar do caso em questão. Neste contexto, é a partir da pergunta “O que faz um acontecimento qualquer ganhar o estatuto da notícia?” que Luiz Gonzaga Motta (1997) se propõe a investigar aspectos do conteúdo publicado no noticiário. Na visão do autor, a literatura sobre o assunto tende a apontar um valor-notícia e um critério de noticiabilidade como fundamentais: os atributos do fato em si (valor-notícia) – a matéria-prima das notícias – e as circunstâncias e exigências do trabalho jornalístico (critério de noticiabilidade), respectivamente.

No entanto, nas notícias em que o interesse humano é mais evidente (*fait divers*) esses atributos seriam aplicados apenas de maneira relativa. Na visão do autor, a razão de ser desses relatos noticiosos é o interesse que despertam no público e, por conta disso, permite-se maior liberdade interpretativa por parte dos jornalistas, não apenas na seleção do objeto noticioso como também no seu tratamento (MOTTA, 1997).

Uma das explicações de Motta (1997, p. 315) sobre *fait divers* diz respeito à dimensão narrativa das notícias. Nesta perspectiva, os relatos de interesse humano podem ser entendidos como pertencendo ao campo do mito, uma vez que veiculam respostas plausíveis para questões desconcertantes sob a forma de estórias. Nestes relatos, “o real é apenas um vago referente” um ponto de partida para a “livre interpretação do narrador”.

Motta (1997) entende que a literatura sobre a produção de notícias sinaliza para dois critérios de noticiabilidade como fundamentais na seleção do que deve ou não compor o noticiário. O primeiro deles diz respeito aos atributos do fato em si – a matéria-prima das notícias – e as circunstâncias e exigências do trabalho jornalístico. Nas notícias de interesse humano (*fait divers*), porém, esses atributos aplicam-se apenas de maneira relativa.

O pesquisador entende que isso acontece por motivos ligados ao público consumidor do noticiário. Para Motta (1997), a razão de existir dessas

notícias é o interesse que despertam no público e, por conta disso, permite-se maior liberdade interpretativa por parte dos jornalistas, não apenas na seleção do objeto noticioso como também no seu tratamento e produção.

No que diz respeito ao primeiro aspecto da seleção de *fait divers* no processo jornalístico, o uso dos valores-notícia na seleção das notícias, Motta (1997) entende que o valor-notícia dos relatos de interesse humano seria uma escolha subjetiva. Do outro lado, na seleção dos relatos de *hard news*, a avaliação acontece de forma inversa: a escolha do fato para se tornar notícia é objetiva, institucional, ou como diz o autor: "o fato se faz escolher" (Motta, 1997, p. 313).

Com relação ao segundo aspecto tratado por Motta (1997), enquanto as *hard news* tenderiam ao registro e à objetividade, nas notícias tipo *fait divers* o jornalista teria grande autonomia interpretativa e, até mesmo, inventiva. Em tais conteúdos a dimensão narrativa do relato jornalístico teria um papel fundamental. Para o autor: "Não é o fato que conta, mas sim o conto do fato" (MOTTA, 1997, p. 315).

No caso aqui observado e analisado, há primeiro um tratamento da mídia noticiosa sobre o personagem Marcão em vida. Após a morte do rapaz, retratada pelos periódicos estudados de formas distintas e até contraditórias, a narrativa sobre a vida do jovem ganha outros contornos, com o acontecimento morte sendo tratado no noticiário a partir de diferentes abordagens.

Na visão de Antunes (2012, p. 41), acentuar a característica dramática do acontecimento morte seria uma maneira de acentuar a visibilidade dessas "mortes comuns" de todo dia e fazê-las adquirirem uma feição de mortes "extraordinárias". Outros autores (VAZ, 2012; TAVARES; 2012) também salientam tal caráter "extraordinário" nas mortes que aparecem cotidianamente nas páginas dos jornais.

Dessa forma, o tratamento da morte violenta, substrato frequente da cobertura policial, por vezes está ligado à ideia de *fait divers*, principalmente quando o óbito é ritualizado e potencializado pela narrativa jornalística (TAVARES, 2012) – por mais que este não seja o único significado dos *fait divers* na narrativa jornalística. Seguindo o raciocínio de Tavares (2012), as notícias sobre morte tendem a um debate paradoxal sobre como tratar o acontecimento.

O autor salienta que as mortes podem ser relatadas acontecimentos como “comuns”, sejam elas mortes naturais ou não, ou mesmo mortes esperadas - uma pessoa doente, uma pessoa portadora de uma doença terminal, com idade avançada ou com uma doença rara. Para Tavares (2012), outra forma de tratar a morte é apresentar tal acontecimento como “inusitado”, seja ela violenta ou não - aqui a morte é tratada a partir do aspecto que a diferencia de outras mortes, essas sim comuns e ordinárias.

Tavares (2012, p. 75) considera que existem indícios de um paradoxo na maneira como a morte é relatada nas práticas jornalísticas. Por um lado, a experiência jornalística coloca os acontecimentos como “excepcionalidades altamente ordinárias”, cujo caráter de ruptura aparece semanticamente expresso, por outro lado tal relato está configurado em uma prática narrativa que os “normaliza” e os faz parecer parte do ciclo da vida cotidiana. Essa dualidade, que acaba sendo normatizada pela narrativa jornalística, é considerada por Tavares (2012) a ritualização do acontecimento morte.

Ainda segundo o autor, “a morte que nos “assusta” e que merece ser relatada diariamente” possui, como acontecimento, um caráter de surpresa. A presença rotineira desse tipo de notícia, entretanto, quando captada pela imprensa, dá a dimensão de sua vivência um outro caráter e uma outra natureza. Como afirma Tavares (2012, p. 75)

A morte cotidiana que abunda as páginas do jornal é, ela mesma, uma morte comum, que assim se torna, pela maneira como o jornal a faz, repetidamente, ordinária.

Tavares (2012) defende que o entendimento de que é na experiência cotidiana que a prática jornalística busca referências para dar sentido e posicionar o acontecimento morte diante de outros fatos rotineiros. O autor lembra que na lógica de produção jornalística há um pressuposto de que a notoriedade dos acontecimentos está na base da produção noticiosa (SOUSA, 2002).

Por isso, Tavares (2012, p. 76) entende que "cabe falar, nesse viés, sobre aquilo, do cotidiano, que possuiria uma qualidade ímpar e mereceria destaque na disputa com as ocorrências diversas do fluxo diário dos acontecimentos". Dessa forma, as notícias, diante do grande fluxo de fatos diários, expressariam a existência de uma hermenêutica jornalística a partir do acontecimento sob dois aspectos.

O primeiro destes aspectos seria a necessidade que existe do jornalismo falar sobre o que acontece no mundo e tirar dele substratos que reafirmem sua autoridade para narrar as coisas que de fato acontecem e compõem o cotidiano dos sujeitos sociais. Já o segundo deles consiste na tensão que os acontecimentos provocam às práticas baseadas em um certo regime de atualidade.

Dessa forma, a ritualização do acontecimento morte feita na narrativa jornalística também pode ter sua existência ligada à ideia de *fait divers*. Defendemos aqui que a construção de narrativas sobre notícias de interesse humano tende a ser acompanhada da criação de personagens e da humanização desses sujeitos a partir de recursos da própria narrativa dos meios jornalísticos.

Motta (1997) apresenta duas linhas possíveis de interpretação dos *fait divers*. A primeira delas refere-se ao conceito de meta-acontecimento, apresentado por Rodrigues (1993). A segunda diz respeito à dimensão narrativa das notícias apresentadas na cobertura cotidiana dos meios de

comunicação. Nesta segunda perspectiva, as notícias de interesse humano podem ser entendidas como pertencendo à ordem do mito.

Motta (1997) sugere que os *fait divers* nos obrigam a compreender o problema do valor-notícia em termos mais complexos do que os utilizados até o momento. O valor-notícia não dependeria apenas dos atributos dos fatos noticiados, mas da articulação destes com um segundo fator: a arbitrariedade dos jornalistas em como interpretar tais fatos diante dos valores e critérios estabelecidos no campo jornalístico.

No entendimento de Albuquerque (2000, p. 17), nas *hard news* haveria o predomínio do primeiro fator, e as notícias tenderiam “mais para o registro e a objetividade”. De outro lado, nas *soft news*, por sua vez “a narrativa se revela com toda a sua liberdade de criação” (MOTTA, 1997, p. 318). A segunda alternativa também daria mais possibilidades para a própria construção da narrativa jornalística por parte dos profissionais.

Desta forma, o que aqui se pretende é compreender como a narrativa jornalística incluiu relatos de interesse humano sobre a caçada e a morte de Marcão na cobertura noticiosa, mesclando a cobertura de notícias de cunho puramente policial com análises políticas e sociais por parte do personagem. Mesmo que do ponto de vista dos valores-notícia e critérios de noticiabilidade faltassem elementos concretos para justificar tal composição da realidade construída pelos jornais, a saga de Marcão foi amplamente noticiada a partir de uma outra possibilidade da narrativa jornalística.

Os *fait divers* produzidos a partir da vida e morte de Marcão estão inclusos em uma cobertura episódica em que boa parte dos relatos obedecia a outros aspectos da prática jornalística. Com isso, buscamos encontrar outras explicações e aspectos que pudessem esclarecer o porquê a morte de um jovem negro, suposto criminoso e morador da periferia de uma cidade no interior do Paraná no final dos anos 1990 mobilizou a cobertura de jornais e,

mais do que isso, ganhou destaque no retrato de mundo apresentado por tais veículos.

Marcão: um personagem de destaque nas páginas policiais

A história de Marcos Antônio de Oliveira, o Marcão, foi encontrada por acaso durante a pesquisa de mestrado⁶. Durante a leitura do material para a dissertação, nos deparamos com o personagem recorrente nas páginas policiais. Desta forma, optamos por compreender quais mecanismos levaram a morte de um jovem negro, pobre e morador da periferia, ocorrida em suposto confronto com a polícia a ascender ao posto de notícia de destaque.

Marcos Antônio era um rapaz de 21 anos morador do bairro Coronel Cláudio, em Ponta Grossa, cidade no interior do Paraná. Em 1998, a figura de Marcão, como ele era conhecido, passou a figurar nos três jornais estudados neste artigo. Na narrativa jornalística, ele foi apontado como "líder de uma gangue" responsável por crimes diversos, desde latrocínios a furtos e roubos. A história em torno da figura de Marcão ganha espaço no noticiário e ele se torna referência como "líder" da suposta gangue - tais classificações e crimes foram negados pelo próprio Marcos posteriormente.

A coleta de informações para a dissertação foi realizada nos jornais impressos disponíveis nos arquivos públicos da Casa da Memória de Ponta Grossa e do Museu Campos Gerais, mantido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). No período aqui analisado (outubro e novembro de 1998), circulavam na cidade três veículos impressos: *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã*⁷.

Ao todo, 26 notícias citando o nome de Marcão foram publicadas nos periódicos nos meses estudados - todas as edições publicadas neste período

⁶ Na oportunidade, o foco era coletar e sistematizar em tabelas o material empírico que baseou o objeto de análise da dissertação defendida em 2017 no Programa de Mestrado em Jornalismo da UEPG: VERNER, Afonso Ferreira. A ritualização do acontecimento morte no jornalismo impresso de Ponta Grossa: uma análise do Diário dos Campos, Jornal da Manhã e Diário da Manhã, 2017, 268f.

⁷ Cita o número exato de edições analisadas.

foram consultadas e todas as notícias que citavam o caso foram fotografadas e analisadas. A tabela 1 reúne as informações sobre as notícias que tratam do objeto do estudo, a saga de Marcão. Também são enumeradas as manchetes dos periódicos que tratam do caso no período especificado e as chamadas de capa sobre as notícias que relatam a saga do personagem.

Tabela 1 - Notícias por periódicos e presença na capa

Jornal	Manchete	Chamada na capa	Abre de página	Notícia secundária
Diário da Manhã	0	1	5	5
Diário dos Campos	1	3	6	4
Jornal da Manhã	2	0	5	1
Total	3	4	16	10

Fonte: autor (2021).

Ao todo, foram 16 abres de página⁸ (notícia principal da editoria que trata dos assuntos policiais) no período estudado e outras 10 notícias secundárias⁹ que trataram do tema. Há um equilíbrio entre o *Diário da Manhã* e *Diário dos Campos* – os dois jornais publicaram 10 notícias sobre o assunto no período. Já o *Jornal da Manhã* somou seis notícias sobre a saga de Marcão, 5 delas foram “abre” de página.

A narrativa sobre Marcos Antônio Ramos de Oliveira, então com 21 anos e conhecido como Marcão, começa a ter espaço no noticiário estudado no começo do mês de outubro. Naquele período, os três periódicos noticiam crimes envolvendo uma gangue da região da vila Coronel Cláudio - o bairro é uma área pobre de Ponta Grossa e, ao menos na amostra estudada, só tem espaço no noticiário em casos criminais e eventos ligados à violência urbana no município.

O começo da narrativa sobre Marcão é caracterizado por especulações expostas no texto jornalístico que tratam do envolvimento da gangue,

⁸ Aqui usamos o termo “abre de página” para se referir a principal notícia da página, normalmente acompanhada de foto.

⁹ São consideradas notícias secundárias aquelas que estão abaixo do abre de página.

A história de um 'criminoso': a narrativa de (des)construção de Marcão nas páginas dos jornais de Ponta Grossa

supostamente comandada por ele, em crimes diversos. Em outubro de 1998, os jornais da cidade já noticiavam operações das polícias Civil e Militar na região em que Marcão residia - os "arrastões", como eram conhecidas as operações policiais, eram feitos para combater crimes como furtos a pedestres e residências.

O *Jornal da Manhã* publica no dia 2 de outubro de 1998 a seguinte manchete: "Violência impera na Coronel Cláudio" - por não citar o nome de Marcão, a notícia não é incluída no *corpus* da pesquisa, mas dá indícios do clima criado pelo noticiário naquele momento histórico específico. O relato narra o "clima de horror" na Coronel Cláudio e cita a existência de gangues que praticariam crimes variados na localidade - o conteúdo também tem destaque na página interna do jornal, sendo a principal notícia da editoria.

Imagem 1 - Manchete relata clima de tensão



Fonte: Jornal da Manhã, edição de 3 de outubro.

É apenas no dia 8 de outubro que Marcão é nominalmente citado no *Jornal da Manhã*. O título do abre de página é “Bandido promete matar policiais” e a notícia é acompanhada do seguinte subtítulo: “Vou matar um da PM e um da Civil para mostrar quem eu sou”, ameaçou o líder da gangue do Marcão” - a afirmação depois foi questionada pelo próprio Marcos em entrevista concedida a outro veículo.

Também no dia 8 de outubro o *Diário da Manhã*, publica a seguinte reportagem na editoria Segurança: “Marcão foge de cerco policial”. O texto é ilustrado por uma foto de policiais em meio a um matagal e destaca que “Marcos Antônio de Oliveira, a quem estão sendo imputados crimes na Vila Coronel Cláudio e Rio Branco”, havia fugido de uma operação policial.

A notícia já relatava que Marcos era apontado como responsável pelos crimes sendo “apontado por moradores”, mas não cita a existência de eventuais ordens judiciais para prendê-lo ou mesmo detê-lo. A formação da quadrilha supostamente comandada por Marcão é assegurada por um garoto preso e também por moradores. O texto narra: “Marcão obteve êxito nos seus ziguezagues pelas ruelas esburacadas e pelos carreiros que separam os barracos das duas favelas”. Os termos utilizados na criação da narrativa são esclarecedores sobre o tipo de jornalismo praticado naquele momento histórico.

Essa mesma citação inicial já apresenta o “status” de Marcos naquele momento social específico. O texto tem uma retranscrição que leva o título de “Fama”. Esse trecho da notícia relata, a partir da visão do comandante da operação, o tenente da Polícia Militar (PM), Luís Darany, que seriam os próprios moradores da Coronel Cláudio e Vila Rio Branco que “criaram a fama de Marcão”, qualificando como “espetaculares” as fugas do rapaz deste e de outros cercos policiais.

Já no dia 9 de outubro, o mesmo *Diário da Manhã* publica uma notícia secundária com o seguinte título: “Tia de Marcão diz que ele é inocente”. O

A história de um 'criminoso': a narrativa de (des)construção de Marcão nas páginas dos jornais de Ponta Grossa

conteúdo é ilustrado por uma foto de Neusa Ramos Vieira, tia de Marcos e responsável por criá-lo. A notícia já qualifica Marcos como “bandido” e ressalta que ele é acusado de diversos outros crimes, alguns deles já em fase de julgamento.

Nas próximas duas semanas a caçada em busca de Marcão desaparece das páginas dos jornais estudados - isso pode ser reflexo do noticiário sobre o caso do Bruxo do Guaragi¹⁰ e do espaço ocupado pelo conteúdo deste crime. Em seguida, no dia 27 de outubro, Marcão volta a compor o noticiário também no *Diário da Manhã* em uma notícia no pé da página, intitulada “Marcão foge mais uma vez” - o texto relata uma nova operação com intuito de prender Marcos que acabou frustrada, mesmo prendendo outros foragidos da Justiça.

Na edição seguinte, do dia 28 de outubro, o *Diário da Manhã* publica uma reportagem de destaque no topo da página com o seguinte título “Polícia ouve amásia de Marcão”. A notícia traz uma foto de Márcia Gonçalves, companheira de Marcos e filha de uma das suas supostas vítimas - a mulher defende a inocência do companheiro no latrocínio que terminou com a morte do pai de Márcia.

Uma nova citação formal ao nome de Marcão volta a acontecer apenas no dia 10 de novembro, quando uma notícia publicada no *Diário da Manhã* cita Marcos como suspeito de um latrocínio registrado em um bairro da cidade em abril daquele ano. Um dia depois, 11 de novembro, o mesmo periódico publica uma nota sem foto da prisão de Dirceu Cardoso, já acusado do latrocínio e que nomina Marcos como comparsa em diversos crimes, como assaltos, furtos e sequestros.

10 O caso em questão trata-se de assassinatos em série registrados no Distrito do Guaragi, também em Ponta Grossa. Inicialmente as mortes foram relacionadas à magia negra, hipótese que depois foi descartada, e ganharam destaque nacional. Para saber mais, leia: VERNER, Afonso Ferreira; XAVIER, Cintia. Assassinatos em série transformados em acontecimento jornalístico nas páginas do Diário da Manhã: o caso do Bruxo do Guaragi. **Pauta Geral**, v. 4, n. 1, p. 116-133, 2017.

A notícia ainda revela que o paradeiro de Marcão era desconhecido e que as forças de segurança preparavam uma ação para prendê-lo. Nesse mesmo dia, 11 de novembro, desta vez no *Diário dos Campos*, a página policial traz uma reportagem intitulada: “Preso admite participação em gangue”, com o seguinte subtítulo: “Dirceu Cardoso confessou ter cometido três assaltos, mas negou conhecer o paradeiro de Marcão”. A reportagem é ilustrada com uma foto de Dirceu em frente ao *banner* da Polícia Civil, já preso.

No dia 12 de novembro de 1998 a história de Marcos alcança um espaço privilegiado no noticiário ponta-grossense. Nesta data, o *Diário dos Campos* publica uma manchete com foto que ocupa todo o primeiro quadrante da primeira página - o que revela sinal de prestígio para o assunto na composição do noticiário. A edição traz a seguinte manchete: “Marcão admite dois crimes e revela que tem medo da morte”.

Imagem 2 - Manchete para a história de Marcão



Fonte: Diário dos Campos, 12 de novembro de 1998

A manchete é acompanhada da seguinte linha-fina: “Sem armas e sem parada fixa, Marcos Antônio de Oliveira, 21 anos, desafia a polícia que está à sua caça”. A foto ocupa espaço privilegiado na capa do *Diário dos Campos* e

A história de um 'criminoso': a narrativa de (des)construção de Marcão nas páginas dos jornais de Ponta Grossa

mostra uma foto de Marcos, a única em vida publicada pelos jornais e que, ironicamente, seu rosto não aparece - nela Marcão está de costas e com o rosto coberto por um capuz (imagem 2).

O destaque para o assunto leva o jornal a abrir uma editoria intitulada "Especial" para abrigar a entrevista de Marcão – no campo jornalístico isso acontece apenas com assuntos de prestígio e que, de alguma forma, modificam o dia a dia da população e a estrutura do noticiário. No texto com título de "Tenho medo de morrer", que leva a assinatura dos jornalistas Maria Gizele da Silva, Dirceu Portugal e Fabio Matavelli, Marcos fala sobre como ingressou no mundo do crime, responde acusações feitas pelas autoridades contra ele e ainda é perguntado sobre sua infância e sobre o que pensa a respeito da polícia.

Imagem 3 - Reportagem de página inteira com Marcão





Fonte: Diário dos Campos, 12 de novembro de 1998

O conteúdo da entrevista revela que, ao ser questionado sobre a infância, Marcos diz que foi “igual a de todo mundo”, destaca que nunca foi à escola e que só sabe rabiscar o próprio nome. Como se tentasse apresentar um alibi à sociedade ponta-grossense, leitora dos jornais, Marcos diz que trabalhou na casa de Roberto Mongruel, então vereador e presidente da Câmara Municipal de Ponta Grossa (CMPG) e destaca que “nunca roubou nada de lá”.

Perguntado sobre o que pensa a respeito da polícia, Marcão destaca que os policiais costumam chegar ao bairro (Coronel Cláudio) dando tiros a

A história de um 'criminoso': a narrativa de (des)construção de Marcão nas páginas dos jornais de Ponta Grossa

esmo e defende-se que só está “nessa vida” porque os policiais começaram a difamá-lo, atribuindo crimes contra ele que ele não cometeu. Marcos ainda diz que é perseguido pelas autoridades e, quando questionado sobre a “fama” de “bandido perigoso”, dispara: “Todo preto que assalta dizem que sou eu”.

No dia 13 de novembro a saga de Marcão ganha um novo capítulo nas páginas do *Diário dos Campos*. Desta vez, a reportagem traz como ‘gancho’¹¹ o posicionamento da família do rapaz e tem o seguinte título: “Família diz que Marcão pode se render”. A equipe de reportagem ouviu familiares de Marcos em *off*¹² que defendem que ele se entregue, sem dizer onde Marcos estava.

Além disso, a mesma notícia tem uma retranscrição com o seguinte título: “Declarações”. O trecho da reportagem revela que o então prefeito de Ponta Grossa, Jocelito Canto, afirmava que as autoridades policiais vinham sendo “desafiadas” por Marcão. Além de prefeito, Jocelito era (e ainda é) radialista e comunicador famoso na cidade, e destacava que se colocava como “ponte” para resolver a situação entre o assaltante e as autoridades. A mesma retranscrição traz uma rápida declaração de Roberto Mongruel, vereador citado por Marcos anteriormente, em que o político se solidarizava com as vítimas de Marcão e com a família do rapaz.

Por fim, ainda no *Diário dos Campos*, na edição dos dias 14 e 15 de novembro, uma reportagem secundária é publicada com o seguinte título: “Apreensiva, família de Marcão critica fama de quadrilha”. Sem ser ilustrada com foto, a notícia é iniciada com um *lead*¹³ que narra que o filho de Marcão, Guilherme, reconhecia o pai a partir das fotos publicadas no jornal já que não o via há meses, segundo o relato da família publicado nos jornais.

11 Na gíria jornalística a palavra ‘gancho’ representa o ângulo dado a determinada notícia e tem sempre caráter factual. Ou seja: gancho representa factualidade no conteúdo publicado.

12 Consultar uma fonte em *off* prevê que ela conceda informações sem ter o nome identificado.

13 Em redação jornalística, *lead* é o parágrafo inicial de uma notícia que reúne as informações essenciais para aquele determinado conteúdo, como: Que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? O uso do *lead* se estabeleceu no modelo de pirâmide invertida.

Neste ponto já é possível notar que a notícia humaniza Marcos, destacando o papel dele como pai e também como “arrimo de família”, incluindo até mesmo o filho de Marcão na narrativa. O conteúdo ainda expõe uma crítica da família à fama atribuída ao rapaz. Na reportagem a tia de Marcão, Neusa Ramos Oliveira, destaca que crimes diversos vinham sendo “colocados na conta” do sobrinho. Ela diz: “Esses dias uma pessoa foi assaltada por dois rapazes que usavam capuz. A mulher [vítima] disse que reconheceu o Marcão pela mão de preto. Como é que conhece alguém pela mão?”, questionava a tia de Marcos.

O capítulo final da saga de Marcão nas páginas dos jornais acontece no dia 17 de novembro. Pelos relatos oficiais, Marcos foi morto após um tiroteio na noite do sábado, 14 de novembro de 1998, nos fundos de um bar na vila Coronel Cláudio, bairro em que morava e em que se escondia, na versão dos jornais. A morte do rapaz é destaque nos três periódicos estudados e em todos os jornais é apresentada como notícia “abre de página”, ou seja, publicada no local de maior destaque na página que reúne os conteúdos policiais.

O quadro 1 reúne os três títulos dedicados à cobertura da morte de Marcão nas páginas dos jornais estudados. A primeira coluna apresenta o nome do jornal, a segunda o título da matéria, a terceira o subtítulo que acompanhava o conteúdo. Todas as notícias sobre a morte de Marcos foram publicadas apenas no dia 17 de novembro, apesar do crime ter acontecido na noite do dia 14, um sábado - nos domingos e nas segundas-feiras não haviam edições dos jornais diários, então tal hiato pode ser considerado “normal”.

Quadro 1 - Títulos sobre a morte de Marcão

Veículo	Título	Subtítulo
Jornal da Manhã	“Marcão” morre em confronto com a PM	Assaltante armado com faca teria atacado soldado da Polícia Militar que revidou e o matou a tiro, em um bar
Diário dos Campos	Morte de Marcão gera controvérsias	Assaltante foi morto durante confronto com a PM. Inquérito será instaurado pelo 2º DP
Diário da Manhã	Marcão reage e acaba	Um dos rastros deixados por Marcos

A história de um 'criminoso': a narrativa de (des)construção de Marcão nas páginas dos jornais de Ponta Grossa

	morto	Antônio de Oliveira: casa incendiada na Vila Coronel Claudio
--	-------	--

Fonte: os autores (2021).

Neste mesmo dia, os jornais publicam notícias secundárias em que familiares de Marcão questionam a ação da polícia, dizendo que o rapaz foi assassinado e questionando a versão de teria acontecido um confronto. Por sua vez, também há espaço para a nota oficial da Polícia Militar em que a corporação sustenta que Marcão foi morto após confrontar os policiais - o documento afirma que Marcos estaria armado, o que os familiares negam.

As notícias publicadas no *Diário dos Campos*, *Diário da Manhã* e *Jornal da Manhã* no dia 17 de novembro são os últimos registros de Marcos nas páginas dos jornais ponta-grossenses. Após o óbito do rapaz, as páginas que reúnem conteúdo policial não citam mais seu nome ou a gangue na qual ele supostamente apareceria como líder. Depois de uma rápida ascensão e de conquistar destaque, Marcão desaparece das páginas policiais.

Ao contrário do que acontece com outras mortes de destaque no noticiário, a saga de Marcão termina sem suítes ou outros desdobramentos. Após a morte do rapaz, a família do jovem não é mais ouvida como fonte, seu velório e enterro não são noticiados, sequer em "pé de página", e suas opiniões políticas e sociais também desaparecem da página dos jornais.

Conclusão

A saga de Marcão narra um ponto de inflexão dos jornais estudados no período de acompanhamento do noticiário policial¹⁴ - pela primeira vez no período estudado, um jovem negro, semianalfabeto e morador da periferia ganhava espaço na cobertura do *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã*. No entanto, o espaço dado à vida e morte de Marcão parece variar entre a tendência de apresentá-lo como um bandido "espetacular e perigoso"

¹⁴ Durante a dissertação de mestrado, os jornais que circulavam em Ponta Grossa tiveram o noticiário acompanhado por cinco trimestres: de agosto a outubro de 1990, de abril a junho de 1998, de outubro a dezembro de 1998, de setembro a novembro de 2012 e de julho a setembro de 2012. Durante todo esse período, Marcão foi o único caso de um jovem negro e pobre com destaque nas páginas policiais.

e um jovem fruto do sistema social desigual - ambos aspectos típicos dos extremos dos *fait divers*.

É preciso destacar que os fatos noticiados aqui analisados aconteceram em 1998, há mais de duas décadas, e algumas marcas ilustradas no texto jornalístico podem denunciar essa “época” do jornalismo no interior do Brasil. Em mais de uma oportunidade, nota-se a conotação negativa dos termos “favelas”, “barracos” e “ruelas” - em alguns casos o uso dos termos mostra certo preconceito por parte da narrativa jornalística com as localidades retratadas. Além disso, neste momento o produto Jornal Impresso era algo consumido pelas elites, especialmente em uma cidade no interior do Paraná.

No entanto, o que é destacável no caso de Marcão é que um suposto “homem do crime” ganha nome, sobrenome e feições próprias nas páginas dos jornais - a dissertação de mestrado de um dos autores mostra que o padrão adotado no noticiário naquele momento era justamente o contrário. Personagens da cobertura policial, especialmente dos casos de destaque e que tinham o noticiário estendido por dias em *suítes*, eram as vítimas ou os homens da lei, nunca os supostos criminosos.

Neste caso, já em vida, Marcão torna-se pivô de uma suposta crise de segurança pública, desafia as autoridades e constrói uma aura de bandido perigoso, mobilizando policiais, vereadores e até o prefeito da cidade. Ao mesmo tempo, os jornais também o apresentam como “arrimo de família”, “bom pai”, o jovem que teve poucas oportunidades e inserem a família de Marcão na narrativa. Os jornais ainda o descrevem como um sujeito capaz e autorizado a tecer críticas à polícia, algo raro na cobertura policial até os dias de hoje.

Nota-se ainda que Marcão foi alvo de pelo menos uma manchete em cada um dos jornais estudados, com direito a foto na capa, na página interna e entrevista pergunta-resposta, um formato nobre do jornalismo impresso. Neste trecho, cabe ressaltar a intenção do próprio Marcão em apresentar as

experiências profissionais na casa de nomes conhecidos da cidade quase como “credenciais” para ser aceito pela sociedade que o perseguia.

Destaque ainda para o envolvimento direto de autoridades políticas do primeiro escalão do aspecto político na cobertura do caso, como Roberto Mongruel, vereador, presidente da Câmara e ex-patrão, e Jocelito Canto, então prefeito e comunicador popular na cidade. Tendo como referência a dissertação de um dos autores e o acompanhamento feito sobre a cobertura jornalística de Ponta Grossa – Paraná, a saga de Marcão foi um dos poucos casos policiais acompanhados (se não o único) que pode ultrapassar a bolha da cobertura policiaesca e dialogar com outras esferas, como a política e a discussão sobre racismo e segurança pública.

Com a morte de Marcos a cobertura sobre o caso some das páginas dos jornais estudados, de maneira tão natural como havia surgido - o que revela que a figura de Marcão, em certa medida construída e desconstruída pela narrativa jornalística, sustentava o noticiário sobre o caso – sem ele, não havia notícia. Após a morte de Marcão, no restante de novembro e dezembro daquele ano de 1998, os jornais não publicam nenhuma linha sobre o até então “bandido perigoso” e nem mesmo sobre crimes no bairro em que ele morava.

A morte de Marcão parece representar o fim imediato dos casos criminais da cidade e nos dias e semanas seguintes os jornais se ocupam de pautas como a diminuição da criminalidade e os cuidados com a segurança do lar nas festas de final de ano – a morte do jovem parece “virar uma página” no setor de segurança pública do município. A morte de Marcos representa o fim do perigo vindo da periferia da cidade, ao menos é isso o que representa a narrativa jornalística encontrada nos jornais analisados.

Em 2021, ano em que Lázaro Barbosa captou a atenção de toda a imprensa brasileira por 20 dias no interior de Goiás e no Distrito Federal, o caso de Marcão mostra que coberturas são raras, mas não únicas. A narrativa jornalística parece, vez ou outra, se apegar a personas específicas e humanizá-

las ou demonizá-las ao noticiar crimes supostamente cometidos por tais sujeitos. Mas, ao mesmo tempo que a narrativa dos jornais toma posse das histórias dessas pessoas, tal discurso também costuma esquecê-los quase que se forma imediata após suas respectivas mortes.

No caso de Marcão, foi apenas seu suposto envolvimento com a criminalidade que lhe deu chance de ser manchete de um jornal, de falar sobre educação, violência, racismo e intolerância policial. Marcos foi mais um pivô da construção jornalística de figuras ordinárias que acabam sendo responsáveis por atos extraordinárias, mas são trocados logo em seguida por outros interesses do noticiário.

Referências

- ANTUNES, Elton. Notícias depois da morte: visibilidades e ausências no jornalismo. **Jornalismo e acontecimento: diante da morte. Florianópolis: Insular**, v. 3, p. 49-69, 2012.
- BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos: o grau zero da escritura**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Rio de Janeiro, Vozes, 1979.
- LOPES, Felisbela et al. Transplantes em notícia: Um jornalismo delineado em factos declinados por fontes oficiais. **Organicom**, v. 9, n. 16-17, p. 328-348, 2012.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: entre o real e o simbólico. IN: MOJILLAUD, Maurice;
- PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009
- RODRIGUES, Adriano. O acontecimento In: **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 1993.
- SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.
- SILVA, Marcos Paulo da et al. A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana. 2013
- SOUSA, Jorge Pedro. Construindo uma teoria do jornalismo. **Portugal: Universidade Fernando Pessoa, s/d. Disponível em: <http://www.>**

A história de um 'criminoso': a narrativa de (des)construção de Marcão nas páginas dos jornais de Ponta Grossa

scribd. com/doc/9641379/Construindo-uma-teoria-do-jornalismo-Jorge-Pedro-Sousa. Capturado em, v. 4, 2002.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. A cotidianidade do morrer na vida noticiosa: ambiguidades de um acontecimento jornalístico

diário. **Jornalismo e acontecimento: diante da morte. Florianópolis: Insular**, p. 71-90, 2012.

VAZ, Paulo. O destino do fait divers: política, risco e ressentimento no Brasil contemporâneo. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 35, p. 51-60, 2008.

VAZ, Paulo Bernardo. Lições de morte nos jornais. **BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MARROCO**, 2012. **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, 2012.

